

Ele Ressuscitou!

(Marcos 16:1–20)

Joe Schubert

Se a Bíblia contivesse menos relatos de milagres, seria de certa forma mais fácil fazer as pessoas crerem nela. Obviamente, uma narrativa sem milagres é mais verossímil do que uma narrativa que contém milagres.

O maior de todos os milagres registrados na Bíblia é o da ressurreição de Jesus do túmulo. Esse é o milagre da fé cristã, o milagre sobre o qual a igreja está fundamentada. Ele autenticou todas as outras reivindicações que Jesus fez. Ele foi o selo imperial do próprio Deus sobre a vida, a obra e os ensinamentos de Jesus de Nazaré. Se aceitarmos o milagre da ressurreição de Jesus, aceitaremos todos os milagres que Mateus, Marcos, Lucas e João afirmam terem sido realizados durante o ministério terreno de Jesus. Se o milagre da ressurreição for rejeitado, o restante da mensagem do Novo Testamento torna-se vazio e sem sentido.

O TÚMULO VAZIO

(16:1–8)

O túmulo vazio é um fato que serve de fonte de argumento para todos os céticos. Nenhum cético jamais foi capaz de explicar esse milagre. Alguns anos atrás, o rabino Schonfield, em sua obra intitulada *A Conspiração da Páscoa*, tentou tratar os acontecimentos da crucificação e ressurreição de Cristo do ponto de vista de quem não aceita a ressurreição. A explicação de Schonfield apoiava-se numa mentira antiga divulgada pelos soldados romanos, segundo a qual os discípulos de Jesus teriam roubado o seu corpo. Há cerca de dois mil anos, tem sido o intuito de várias tentativas sérias explicar o túmulo vazio. Mas ninguém jamais conseguiu explicar como os discípulos teriam roubado o corpo de Jesus.

Ainda que os discípulos pudessem roubar o corpo de Jesus, eles não o teriam feito. Quando Jesus foi crucificado, as esperanças e sonhos

dos apóstolos morreram com Ele. Quando os discípulos ouviram pela primeira vez a notícia de que Jesus havia ressuscitado do túmulo, eles não acreditaram. Mesmo tendo Jesus profetizado repetidas vezes que iria ressuscitar, eles nunca entenderam essas profecias. A última coisa em que os apóstolos estavam pensando era na ressurreição. Qual razão plausível eles teriam para roubar o corpo de Ele?

Mesmo se eles quisessem roubar o corpo, não conseguiriam fazê-lo. Guardas romanos foram colocados à entrada do túmulo para impedir que alguém entrasse no interior do túmulo. Uma pedra grande, pesando cerca de meia tonelada, selou a entrada do sepulcro. Será que os apóstolos teriam enfrentado até a morte por afirmarem que Jesus Cristo era de fato o Senhor ressurreto, se isto fosse uma mentira? Acreditar que todos esses homens deram o próprio sangue pelo que eles sabiam ser uma mentira é apresentar uma explicação ainda mais difícil de se aceitar do que a explicação que a própria Bíblia apresenta.

Outros sugerem que os inimigos de Jesus teriam retirado o corpo de Ele. Que motivo convincente eles teriam para fazer tal coisa? Isso era a última coisa que eles queriam fazer. Eles não queriam que acontecesse qualquer coisa que sugerisse que Jesus havia ressuscitado. Ademais, quando os apóstolos começassem a pregar a ressurreição de Jesus como um fato, os inimigos de Jesus certamente seriam os responsáveis por isso, se assim tivessem agido. Eles teriam de exibir o corpo dizendo: "Aqui está o corpo do seu vulgo Messias ressurreto". O fato deles não apresentarem o corpo constitui uma prova concreta de que não o possuíam.

Só existe uma explicação plausível para o túmulo vazio. O anjo deu essa explicação às mulheres que foram até o túmulo no domingo de manhã. Ele disse: "Não vos atemorizeis: buscais

a Jesus, o Nazareno, que foi crucificado; ele ressuscitou, não está mais aqui” (Marcos 16:6). Hoje, nós não ouviríamos falar na ressurreição, se Jesus de fato não tivesse ressuscitado dos mortos. Aquelas mulheres que foram as primeiras a ir ao túmulo, naquela manhã de domingo, para ungir o corpo não esperavam pela ressurreição. Os apóstolos não só não esperavam pela ressurreição, como também não acreditaram nela quando ouviram pela primeira vez a notícia por meio das pessoas que viram Jesus ressuscitado.

De longe, a melhor prova da ressurreição de Jesus é a existência da igreja do nosso Senhor. Nada, senão o evangelho, poderia ter transformado homens e mulheres que estavam tristes e desanimados em homens e mulheres transbordantes de alegria e coragem. A ressurreição é o fato central da fé cristã.

O TESTEMUNHO COMPROBATÓRIO (16:9–14)

O mesmo anjo que contou às mulheres que Jesus havia ressuscitado do túmulo disse-lhes algo mais: “Logo logo vocês irão vê-lo”. Os versículos conclusivos do Evangelho de Marcos falam de vários aparecimentos do nosso Senhor após a ressurreição.

Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios. E, partindo ela, foi anunciá-lo àqueles que, tendo sido companheiros de Jesus, se achavam tristes e choravam. Estes, ouvindo que ele vivia e que fora visto por ela, não acreditaram.

Depois disto, manifestou-se em outra forma a dois deles que estavam de caminho para o campo. E, indo, eles o anunciaram aos demais, mas também a estes dois eles não deram crédito.

Finalmente, apareceu Jesus aos onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não deram crédito aos que o tinham visto já ressuscitado (vv. 9–14).

A maioria das versões da Bíblia mostram os últimos doze versículos de Marcos, 9 a 20, separados do corpo principal do texto de Marcos. Talvez haja um espaço em branco entre os versículos 8 e 9 na sua Bíblia, ou um subtítulo, ou talvez essa seção esteja até no rodapé da sua Bíblia. Muitos estudiosos da Bíblia questionam se os últimos doze versículos de Marcos faziam parte do texto original que Marcos escreveu. É

verdade que os melhores manuscritos antigos do Novo Testamento em grego não contêm esses últimos doze versículos de Marcos. Mas também é verdade que a grande maioria dos manuscritos gregos que temos em mãos hoje contem esses versículos. Também é verdade que dois dos líderes da igreja que escreveram no início do primeiro século fizeram referências a esses versículos; o que indica que eles estavam familiarizados com eles e os viam como parte do Evangelho de Marcos. Sendo assim, a igreja primitiva, pelo menos no começo do segundo século, aceitava esses versículos como uma parte integrante do Evangelho de Marcos. Hoje, portanto, nós os aceitamos sem nenhum problema crítico.

Marcos afirma: “Apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios”. Poucos versículos atrás Marcos relatou que as mulheres, incluindo Maria Madalena, tinham ido de manhã bem cedo ao túmulo. Chegando lá com o nascer do sol e descobrindo que a pedra à entrada havia sido revolvida, elas viram um anjo. O anjo disse às mulheres o que sucedera: “Ele ressuscitou”, disse ele. Mas as mulheres não viram Cristo nessa hora. Maria Madalena, segundo o relato de João, foi à frente das outras mulheres. Quando ela viu o túmulo vazio, virou-se imediatamente, deixou o grupo de mulheres e voltou para contar a Pedro e João que o túmulo estava vazio. Ela não ouviu a explicação do anjo. As outras mulheres permaneceram ali e viram e ouviram o anjo. Maria Madalena não sabia que Jesus havia ressuscitado do túmulo.

João 20 fala da conversa de Jesus com Maria Madalena um pouco depois naquele primeiro dia da semana. Os versículos 1 e 2 dizem o seguinte:

No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu que a pedra estava revolvida. Então, correu e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram.

João prossegue dizendo que depois de ouvirem o relato de Maria, ele e Pedro correram até o túmulo. João chegou primeiro. Ele entrou no sepulcro e viu os lençóis do sepultamento. Ele viu os lençóis de linho que estiveram cobrindo a cabeça de Jesus, dobrados e deixados à parte. Mas nem as mulheres, nem Pedro, nem João

havam visto Jesus até esse momento.

João 20 registra o aparecimento de Jesus a Maria Madalena. Em João 20:10–18 a narrativa bíblica diz:

E voltaram os discípulos outra vez para casa.

Maria, entretanto, permanecia junto à entrada do túmulo, chorando. Enquanto chorava, abaixou-se, e olhou para dentro do túmulo, e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés. Então, eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras? Ela lhes respondeu: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. Tendo dito isto, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não reconheceu que era Jesus. Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, supondo ser ele o jardineiro, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse, em hebraico: Raboni (que quer dizer Mestre)! Recomendou-lhe Jesus: Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai, mas vai ter com os meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus. Então, saiu Maria Madalena anunciando aos discípulos: Vi o Senhor! E contava que ele lhe dissera estas coisas.

Estaria Jesus proibindo Maria Madalena de tocar no Seu corpo físico nesse primeiro aparecimento? Mais tarde, Ele permitiu que Tomé tocasse nEle quando disse: “Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; chega também a mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente” (João 20:27). Mas aqui Ele diz: “Maria Madalena, não me detenha. Não me segure. Ainda não subi para o Meu Pai”. Como reconciliamos essas duas ocasiões — aquela em que Tomé toca em Jesus e a outra em que Ele proíbe Maria Madalena de segurá-lo? A resposta reside no verbo grego que é usado nesta passagem. A NVI traduz essa frase grega por “não me segure”. Em outras versões a tradução é “não me detenhas”. Trata-se de um imperativo presente. Significa que quando é usado como uma proibição transmite o seguinte sentido: “pare de me segurar” ou “não continue me segurando”. Outra tradução mais fiel seria: “Não me detenhas mais”, cuja idéia é “parar de fazer o que está fazendo neste momento”. Maria sem dúvida já havia abraçado Jesus alegre por vê-lo vivo novamente. Para ela o que Ele estava realmente dizendo era: “Não detenha a você nem a mim mais, Maria. Não continue abraçada em mim. Não me segure. Haverá outros momentos para você me ver. A necessidade deste

momento é que você vá e conte aos outros discípulos que você me viu. Logo subirei ao Meu Pai”. Essa foi a primeira vez que o Senhor ressurreto apareceu a um discípulo. Marcos diz simplesmente em Marcos 16:9: “apareceu primeiro a Maria Madalena”. Quando ela contou aos outros discípulos que Jesus estava vivo e ela O havia visto, eles não acreditaram nela.

A segunda vez que Jesus apareceu, conforme Marcos, é relatada nos versículos 12 e 13:

Depois disto, manifestou-se em outra forma a dois deles que estavam de caminho para o campo. E, indo, eles o anunciaram aos demais, mas também a estes dois eles não deram crédito.

Esta vez em que Jesus apareceu aos dois discípulos anônimos na estrada para Emaús é contada com mais detalhes no relato paralelo de Lucas 24. Lucas diz que esses discípulos estavam andando uns dezoito quilômetros até a pequena cidade de Emaús. Jesus apareceu a eles naquilo que Marcos chamou de uma forma diferente. Aparentemente, Jesus ocultou a Sua identidade para que eles inicialmente não O reconhecessem. Ao caminharem pela estrada, travaram uma extensa conversa. Não é por Marcos, mas por Lucas que somos informados de que Jesus conversou com esses discípulos sobre Moisés e os profetas e mostrou todas as declarações no Antigo Testamento que falavam da vinda do Messias. Mas, conforme nos diz Lucas, esses dois discípulos anônimos não reconheceram quem era seu convidado até mais tarde naquele dia, quando Ele sentou-se com eles à mesa para comer e eles viram as Suas mãos quando Ele partia o pão no jantar. Então, reconheceram que o convidado era o Senhor crucificado e ressurreto. A seguir, Jesus desapareceu. Os dois discípulos voltaram para Jerusalém imediatamente e contaram aos onze apóstolos o que viram. Conforme relata Marcos, os onze, porém, não acreditaram neles.

Lucas explica como os apóstolos acreditavam e não acreditavam ao mesmo tempo. Em Lucas 24:41 ele diz que mais tarde, quando o próprio Jesus apareceu fisicamente aos apóstolos, eles ainda não criam por causa da alegria e da admiração. Eles ainda estavam tendo dificuldade para crer porque parecia bom demais para ser verdade.

Marcos revela o clima de descrença persistente e obstinada que prevaleceu entre os apóstolos após a ressurreição. Eles achavam

difícil aceitar o surpreendente fato de que Aquele que fora crucificado diante dos olhos deles estava agora vivo e entre eles novamente. A verdade relevante é que Jesus esperava que os onze cressem na Sua ressurreição antes que realmente O vissem. Ele esperava que eles cressem nos relatos das testemunhas oculares que disseram aos apóstolos: “Nós O vimos”. Eram pessoas dignas de confiança. Estavam contando aos apóstolos o que elas mesmas vivenciaram e viram. Esperando que eles aceitassem os testemunhos dessas testemunhas oculares, Jesus os repreendeu por terem se recusado a crer naqueles que O tinham visto. Marcos 16:14 diz:

Finalmente, apareceu Jesus aos onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não deram crédito aos que o tinham visto já ressuscitado.

AS NOVIDADES ALEGRES (16:15–20)

Depois de repreender os discípulos, Jesus deu-lhes uma ordem. Ele disse no versículo 15 e 16: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado”. Esses versículos são conhecidos como a Grande Comissão. Neles os apóstolos recebem uma comissão que não haviam recebido antes. Jesus deu-lhes autoridade para irem pregar o evangelho ao mundo e revelarem aos homens e às mulheres os termos ou condições da salvação. Eles deveriam ir a todo o mundo pregar o evangelho a toda criatura. Uma tradução literal do grego seria: “À medida que forem a todo o mundo, preguem as boas novas a toda criatura”. O Senhor pressupôs que os discípulos deveriam se espalhar pelo mundo. Ele pediu que pregassem o evangelho onde quer que fossem.

As boas novas, o evangelho que eles deveriam pregar era evidentemente a morte e ressurreição de Jesus. As boas novas são que Jesus veio à terra, morreu e tornou a viver. As implicações desses acontecimentos são as boas novas. Pois na morte de Jesus de Nazaré temos a solução para o problema básico da humanidade: o pecado humano. Na morte e ressurreição de Jesus, nossos pecados podem ser perdoados.

Se uma pessoa se sente indignada com a idéia de relacionar o batismo diretamente com a salvação e o perdão dos pecados, devemos nos

lembrar de que é precisamente nesse lugar que Jesus quis colocá-lo. Se uma pessoa é tentada a dizer: “É verdade que quem for batizado será salvo, mas também é verdade que quem crer e não for batizado também será salvo”, podemos perguntar a ela: “Por que Jesus não encerrou essa ordem formal da grande comissão dizendo: ‘quem crer e for batizado será salvo; quem não for batizado também será salvo’”? Mas Jesus disse: “quem crer e for batizado será salvo”. Se essa mensagem não for pregada, o evangelho não terá sido pregado. Isto é o coração e a essência da resposta do homem ao evangelho. O caminho até a salvação hoje é exatamente o caminho que era no primeiro século.

O Senhor prosseguiu concedendo aos apóstolos certos sinais, sinais que os acompanhariam e encorajariam na pregação. Os versículos 17 e 18 dizem:

Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados.

Observemos com cuidado as palavras da promessa. Esses sinais não acompanharão todo crente enquanto o mundo durar. Não é essa a promessa. Eles acompanharam os crentes do primeiro século quando o evangelho foi pregado, cumprindo completamente o que Cristo prometera. Eram sinais autenticadores que acompanharam os primeiros a levar a mensagem do evangelho a um mundo incrédulo e hostil. Essa interpretação é confirmada pelo parágrafo final do evangelho de Marcos. Ele diz nos versículos 19 e 20:

De fato, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus. E eles, tendo partido, pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra por meio de sinais, que se seguiam.

Assim, foi conferida a autenticação ao ministério dos apóstolos e encorajamento para a fé deles. Marcos encerra seu Evangelho com Jesus de Nazaré reinando no céu à direita de Deus como o Senhor vivo do Seu povo.

CONCLUSÃO

A história da ressurreição de Jesus é muito mais do que o fim de uma longa narrativa de

ficção. É a absoluta declaração de quem Jesus Cristo é. Paulo coloca isso de forma sucinta em Romanos 1:3 e 4:

Com respeito a seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi e foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos...

Assim, o último capítulo de Marcos dá cor a tudo o que sucedeu antes. Jesus, por meio da ressurreição, provou ser Deus. Ele é Senhor. Como Senhor, Ele chama homens e mulheres de toda parte para O seguirem e continuarem Sua obra no mundo. João escreve: "Aquele, entretanto, que guarda a sua palavra, nele, verdadeiramente, tem sido aperfeiçoado o amor de Deus. Nisto sabemos que estamos nele: aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou" (1 João 2:5, 6).

Um século atrás, estas belas palavras foram escritas num tributo a Jesus:

Aqui está uma criança que nasceu numa pequena manjedoura, o filho de uma mulher camponesa. Ele cresceu num vilarejo obscuro. Trabalhou numa carpintaria até os trinta anos. E durante três anos foi um pregador. Nunca escreveu um livro. Nunca teve um escritório. Nunca frequentou uma universidade. Nunca

possuiu uma casa. Nunca constituiu família. Nunca viajou mais de 300 quilômetros do lugar em que nasceu. Nunca realizou nada do que geralmente acompanha os grandes. Ele não tinha nenhuma credencial senão Ele mesmo. Não tinha nada a ver com este mundo exceto o divino poder de sua humanidade. Sendo ainda jovem, a corrente de opinião popular voltou-se contra ele. Seus amigos fugiram. Um deles o negou. Ele foi entregue aos inimigos. Passou pelo escárnio de um julgamento. Foi cravado numa cruz. Enquanto Ele morria, seus executores apostaram a única peça que ela possuía na terra, sua capa. Quando morto, foi tirado da cruz e sepultado num túmulo emprestado, graças à compaixão de um amigo.

Vinte e um séculos se passaram. Hoje ele é a peça central da raça humana e o líder da coluna do progresso. Todos os exércitos que já marcharam, todas as marinhas já construídas, todos os parlamentos já estabelecidos e todos os reis que já reinaram juntos não afetariam as vidas dos seres humanos nesta terra da maneira tão poderosa como a vida desse homem solitário conseguiu afetar.

Talvez você ainda não tenha dado a sua vida a Jesus. Se você precisa confessar que Ele é o Filho de Deus e se unir com Ele no batismo para lavar todos os pecados do seu passado, não espere mais. Faça de Jesus o Senhor da sua vida. ✦

©Copyright 2005, 2006 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS